

Commercio do Norte

Director e proprietario: Domingos Pereira Mendes

Redacção e administração: RUA DE SANTO ANTONIO, 125

SEMENARIO

Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesse

Rua de Payo Galvão.

CONVENIO

COM O

TRANSWAL

Não é facil averiguar qual o crime mais grave dos crimes praticados no convenio com o Transwal. Para agradar á Inglaterra ou para segurança dos credores extranjeiros, que exigiriam um reforço de hypotheca em segurança do dinheiro que nos emprestaram e que nós, simples mortaes portuguezes, não chegamos a vêr, violou-se a mundana clandestina, a que estamos habituados a chamar a Carta Constitucional, tratando Moçambique, como se tivesse completa autonomia, com a colonia do Transwal. O parlamento e o povo não tiveram senão tardio conhecimento do que irremediavelmente se fizera.

E' um crime de abuso do poder.

Esse convenio procura immediatamente legalizar a *escravatura dos indigenas de Moçambique*, arrebanhando-os para as minas de ouro do Transwal, em que uma grande percentagem encontra a morte, e pagando-lhes com prejuizo dos productos moçambicanos. O Transwal reclamava ardentemente que á *escravatura* se desse a maior latitude e Moçambique não apresentou a minima reluctancia em consentir nella. Temos assim estabelecida, definida e accordada a *escravatura* dos indigenas duma colonia portuguezã em beneficio de extranjeiros. Abandonando a cultura que fariã alguma coisa de Moçambique, sacrificamos o futuro de Moçambique, para que, com essa *escravatura*, os interesses transwalianos engordassem, até por completo nos absorverem.

E' um crime de escravatura, de furto e de indignidade.

Estabeleceu-se cuidadosamente, em segundo lugar, o condominio nos caminhos de ferro e porto de Lourenço Marques. A administração extranjeira ficou igualada—nominalmente—á administração portuguezã. Isto é: vendemos o direito de propriedade sobre metade dos nossos caminhos de ferro e sobre metade do nosso porto de Lourenço Marques. Como já notaram alguns illustres conferentes, a intervenção extranjeira fica dominando porque, estando as re-

soluções, tomadas pelo conselho de administração dos caminhos de ferro e do porto, dependentes dos respectivos governos de Moçambique e do Transwal, nós sujeitamo-nos a um constante aviltamento, dada a nossa incapacidade para levantar opposição ás exigencias crescentes dos interesses extranjeiros. E vendemos porque? Qual o preço da venda? Não o encontramos. O contracto é unilateral quando se refere a vantagens, que todas ellas vam para o Transwal; nós figuramos nelle para o consentimento de tudo quanto lhes approuve levar-nos. Somos o contractante obediente, sem vergonha, que diz a tudo que sim, que tudo acha perfeitamente bem. A exportação dos productos transwalianos pelo porto de Lourenço Marques estava-nos sufficientemente garantida e faz-se, mesmo assim, com sacrificio da exportação dos nossos productos.

E' um crime de alienação de soberania.

O leitor bem sabe que os autores destes extraordinarios feitos não estão onde os que praticam outros relativamente pequenos. Sabe-o mas é como se o não soubesse.

EDUARDO D'ALMEIDA.

Bohemia Jornalística

Carta a um senhorio

Não tencionava,—não!—, pagar-lhe a renda que vai junta a esta carta. Metta-a depressa no seu cofre e dê louvões ao predio que me arrendou e que zela, sou obrigado a confessar-lo, por forma verdadeiramente bizarra os interesses do proprietario. O senhor não ignora que me alugou esta casa há talvez seis annos. Já o senhor dispunha duma irritante fatura e eu tinha reunido á miseria que era minha e duma rapariga, a minha noiva. Conhece-a bem por certo... que uma vês disse-lhe sorrindo que mandaria compôr o telhado. Não mandou. O telhado funciona, porém, admiravelmente despejando sobre a nossa cama tôda a chuva que nelle cae. Emquanto o senhor, anno a anno arrecadava umas dezenas de contos dos seus rendimentos, nós tinhamos a desgraça de vêr um filho a mais, gatinhando sobre as nossas migalhas a boquinha magra de phantasma. Coincidencias! Minha mulher dava a sombra da vida a espectros côr de rosa, ai pelo S. Miguel. No S. João, pontualmente, com a pontualidade com que tenho de pagar-lhe, os pequenos ou pequenas saiam de vossa casa,

desta casa onde estamos, para o cemiterio num caixãozito branco. Coincidencias! Lá se foram tôdos e irão os mais que vierem. A mesma doença sempre, a igualdade na morte... Julgo que é a porcaria que se respira nesta casa, perdô-me V. Ex.ª, desesperado, tentei hontem suicidar-me. Não me deixaram. A sua casa, que offerece a morte a praso, fatal, inexoravel, não consente que dentro se adopte a morte violenta. Pendurei-me numa trave—a trave partiu e eu continuei a viver. Loucamente bati com a cabeça pelas paredes. Desmoronavam-se as paredes... e a minha cabeça ficou intacta e mais julgo que não é muito dura... pelo menos V. Ex.ª não me compoz o telhado. Ultimo recurso—deitei-me da janella á rua. Incrível! E' tanto o estercor que sae das casas para a viella que não digo que me sentisse num leito de flores, mas só consegui sujar-me! Eis a razão por que continuo seu inquilino—até a sua casa me despachar para o cemiterio, inoculando-me, dia a dia, este veneno de porcaria que V. Ex.ª não tem no seu palacio, nem mesmo no canil. Agradecido a V. Ex.ª

K.

Um exemplo da nossa legislação

Estam no decreto de 14 de abril de 1891, publicado no *Diario do Governo* de 22, as seguintes disposições:

Creches

Art. 21.º Cada uma das fabricas, em que trabalharem mais de cincoenta mulheres por dia, terá uma *creche* com as accomodações e condições hygienicas que os regulamentos determinarem. A distancia da *creche* á fabrica não será superior a 300 metros.

§ unico. Diversas fabricas poderão unico estabelecer ou sustentar em commum uma *creche* para os filhos das respectivas operarias, com a condição que a *creche* tenha a necessaria capacidade e que não diste mais de 300 metros de qualquer das mesmas fabricas.

Art. 22.º A mulher não será admittida a trabalhar nos estabelecimentos industriaes nas primeiras quatro semanas depois do parto.

Art. 23.º A mãe poderá ir á *creche* amamentar o filho á hora e pela fórma determinada nos regulamentos.

E' isto bom? Não, mas é razoavel e opportuno. A medida radical seria, como já advogamos, a proposito da convenção de Berna sobre o trabalho das mulheres nas fabricas, prohibir expressa e terminantemente a maior parte do trabalho industrial á maior parte das mulheres. Emquanto, porém, essa medida não fôr imposta, que o será mais cedo ou mais tarde, e averiguando-se que se admittem como operarias nos estabelecimentos fabrís, mães que durante as horas do trabalho,

abandonam os seus filhos ou por completo ou deixando-os entregues a cuidados mercenarios e insufficientes, as *creches* representavam um salutar esforço em proveito dellas e de seus filhos. Pois tanto basta para que as disposições do decreto que segundo o artigo 57.º, deveria ser posto em vigor—«successivamente nos diversos districtos administrativos, pelo modo e na epoca que parecer mais conveniente»—, comquanto ficasse—«em completa execução no continente do reino e nas ilhas adjacentes no praso de dois annos, contados da respectiva data»—, nunca saíssem da theoria para a realidade.

Nós somos assim. Se porventura legislamos com acerto, esquecemos immediatamente, dormindo a somno solto na *Collecção Official*, as medidas adoptadas... como lindas flores da nossa impercível rethorica.

E' uma aberração, mas não isolada. Quando as nossas leis se não destinam, como dizia o bom e saudoso dr. Assis, illustre freguês da excellente agua do Jacome—que ainda ao tempo não era depositario das magnificas aguas de Verin, a não serem cumpridas, o governo procura adocá-las com outras leis e regulamentos que vam desfazendo gradualmente o que primeiro se havia estabelecido, isto é: de accentuada e gradual retrogradação. No relatório que precedia o decreto de 14 de abril, escreveu-se: «Não somos contra a adopção do menor em quase todas as especies de trabalhos; é uma aprendizagem que nasce quase sempre uma inclinação e uma adaptação; mas é preciso poupar aquellas forças incipientes graduando-lhes de modo que, em vez de tarefa deprimente, sirva de gymnastica fortificante»; e no art. 2.º dispunha que não podiam admittir-se nos estabelecimentos industriaes e nos trabalhos de construcções civis os menores de idade inferior a doze annos, exceptuando, nas industrias especialmente designadas nos regulamentos, os menores com dez annos que reunissem certas condições de instrução e robustez physica e fossem empregados—«em mesteres que não exijam esforços physicos mais que os ordinarios». Este pensamento foi desinvolvido e... sophismado já no regulamento de 16 de março de 1893, em que se consentia a admisión de menores com dez annos em trabalhos industriaes incompatíveis com a hygiene dessa idade; em 6 de junho de 1895 regulamentou-se para a segurança de maiores e menores nos *trabalhos de construcções civis*, ficando assim como que postas de lado as medidas tomadas para os estabelecimentos industriaes, e aí se preceituava, no art. 13, que nenhum menor seria admittido nas construcções civis—sem que tivesse completado doze annos e apresentasse certificado de vaccina e certificado medico provando robustez physica para a especie de trabalho. O golpe de morte veiu escondido no decreto de 30 de ou-

tubro de 1898, cujo art. 5.º dizia: «Nenhum menor poderá ser empregado nos trabalhos de construcções civis sem ter para elles a robustez sufficiente.» E' a licença para a admisión de menores, arbitrariamente e immoralmente. O proprio governo o confessa:—«... e no intuito de attender ás justas (!) reclamações contra a execução do regulamento de 6 de junho de 1895, não só nesta parte, como na que respeita aos *embaraços e difficuldades, que elle oppô, no seu art. 13.º á admisión dos menores nas construcções civis...*»

Nós somos assim.

ASSOCIAÇÕES

Na sala das sessões da União dos Empregados do Commercio do Porto, realisou, no passado domingo, uma interessantissima conferencia, subordinada ao thema que nos serve de epigraphe, o nosso presado amigo snr. dr. Eduardo d'Almeida.

A sessão foi presidida pelo snr. João Gonçalves, que fez a apresentação do illustre conferente e o elogio devido aos seus meritos, e secretariada pelos snrs. João Lopes e João Lima.

Ao terminar, o snr. dr. Eduardo d'Almeida foi, com toda a justiça, calorosamente applaudido e muito cumprimentado pela numerosa e selecta assistência.

São os seguintes os topicos principaes da brilhante conferencia:

Começou dizendo que o homem portuguez se sentia bem entre a mocidade que vive no trabalho, em qualquer das suas manifestações uteis, porque ali se fortificava ainda a sua tão desenganada esperança em melhores dias para a nossa terra.

Da mocidade—prosegue o distincto conferente—irradia uma belleza incoherente: estendendo-se para a maior pujança do organismo forte e alargando-se, exteriorizando-se, harmonizando-se na mais facil attenção á vida alheia que se vae conjugando com a propria vida.

A fraternidade é um sentimento natural e prova-o o facto de o homem, exactamente quando necessita de procurar os meios favoraveis á conservação individual, se inclinar espontaneamente á camaradagem com outros homens fundando-a sobre o espirito de sacrificio. E a associacção é um phenomeno activo da fraternidade, uma das bases dynamicas da vida social.

Nós não somos o homem—continua o orador—, ente isolado na natureza, distincto e alheio; somos apenas um homem, movendo-nos sob a dupla influencia cosmologica e social, descendente doutros homens, ascendente doutros homens. Duns recebemos, a outros legamos. A nossa obra é menos o resultado da nossa vontade do que a actuação persistente da obra dos mortos, a nossa ideia menos o resultado do nosso cerebro que dos cerebros que pensaram antes de nós.

Honrar os mortos é um dever e um dever utilissimo porque categorisa a nossa função social, ligando-a á actividade dos que nos precederam e dirigindo-a em proveito dos que nos seguirem.

A associacão contém-se entre estes dois polos—subordinando-nos aos homens do passado e obrigando-nos a cuidar da herança com que havemos de influir nos homens do futuro. Dentro da sua esphera, a associacão apresenta tres agregados essenciaes—familia, patria, humanidade, subindo do egoismo da personalidade individual ao altruismo da personalidade collectiva, da união de individuos á federaçao de familias e desta á federaçao das patrias. Os dois primeiros agregados têm sido rudemente combatidos e ameaçados com a nociva propagação da philosophia revolucionaria sobre a dissolvencia da sociedade actual.

Nós atravessamos ha muito uma crise mental e moral, sustentada por dois principios opostos, igualmente impotentes á consolidação politica, um pretendendo restaurar inteiramente o passado, outro illudindo-nos com o sonho mentiroso duma sociedade inteiramente nova.

O homem é perturbado por estas correntes que obstem á perfeita adaptacão do espirito á ordem exterior, á conformidade dos systemas dos seus pensamentos com o systema do mundo; e daqui resulta que, não sendo immoraes em relação a epochas extinctas, pensando em quantos comprehendendo nitidamente o seu dever e abundantemente o transgridem, em quantos sendo intelligentes se delectam com o desbarato ou ruim applicação da intelligencia; pensando no que ha de positivo em sciencia social e ahí esquecido e no que ha de affectuoso em nosso coração e ahí enterrado, no odio que fermenta em varias classes, no erotismo galante que vae desvirtuando as relações mais intimas, na abstenção muitas vezes cobarde com que assistimos ao descalabro da patria e aos repetidos attentados á humanidade, é incontestavel que somos muitas vezes amoraes, cooperando e agindo.

Um socegado philosopho da fria Inglaterra escreveu que só gradualmente e á medida que diminuem as varias causas da desgraça augmentará a sympathia entre os homens. E' incontestavel que a adaptacão reciproca do homem e da sociedade será benefica para as relações humanas, entorpecidas hoje pelas diversas injustiças sociaes que nos separam uns dos outros. Mas, e precisamente por sabermos e conhecemos certas iniquidades, havemos de esperar passivamente que a sympathia surja entre os homens, ou esforçar-nos e lutar, convencidos de que as reformas sociaes se não effectuam violentamente e de que a sociedade se não póde transformar por completo, pela crescente fraternisação dos homens, competrando as classes mas favorecidas dos seus deveres para com as menos favorecidas, procurando assegurar a todas as condições indispensaveis de existencia, na alimentacão, no vestuario, na habitacão e educando o povo para a intervençao efficaz na vida civica?

A moral sociologica impõe-nos esse dever. E' o dever do amor no espirito de sacrificio, o amor nosso conforto, que nos vae gradualmente transportando da familia á patria e da patria á humanidade. E inilludivelmente a melhor forma de amar o proximo é cumprir o nosso dever. Sejam os altruistas, mas firmes, conscientes,

reflectidos, desembaraçando-nos do propagandismo dominante que procura o agrado das multidões, sem consideracão pelas responsabilidades que assume e nos está solicitando ora para um tradicionalismo corrupto ora por um falso communismo egualitario.

O verdadeiro altruismo assenta no espirito de sacrificio, na subordinacão dos interesses pessoaes aos interesses collectivos.

O nosso amor vae-se adestrando na familia, no trabalho, na associacão e na patria: na familia com a veneraçao e respeito aos paes, com a lealdade e auxilio aos irmãos, no affecto á companheira, na amisade e cortezia aos parentes, com a protecção, dedicacão e sacrificio pelos filhos; no trabalho, em que havemos de considerar-nos como funcionarios publicos porque todos os homens cooperam na sociedade e a forma da sua actividade geral, habituando-nos a irmanar com os que trabalham a nosso lado; na associacão collectivizando esforços para um beneficio geral, o que nos leva sem violencia a encarar a sociabilidade como superior á personalidade e nos convence de que os nossos actos serão tanto mais uteis, a nossa intelligencia será tanto mais fecunda e toda a nossa vida tanto mais salutar quanto maior for o nosso empenho, a nossa dedicacão, o nosso amor pelos outros.

A associacão é portanto uma manifestacão activa da fraternidade. Muitas vezes ha uma cooperacão inconsciente. Assim, com a descoberta da telegraphia sem fio em que se aproveitou o trabalho de numerosa quantidade de sabios, se sysmatizaram muitas descobertas já feitas. Lucien Poincaré serviu-se deste exemplo para escrever—um capitulo da historia das sciencias—, demonstrando brilhantemente que a sciencia se torna impessoal, ensinando-nos que o progresso humano deriva da reuniao de trabalhos executados por multidão de collaboradores que por vezes se ignoram uns aos outros e são muitas vezes obscuros.

E o orador, passando desta forma rudimentar de associacão á associacão consciente, em agregados mais ou menos racionalmente organizados, analisa as associacões e a sua importancia, detendo-se a provar que, além da funcão restricta, directa e especial que desempenham em relação aos seus membros, exercem uma funcão verdadeiramente humanitaria pela camaradagem rapidamente estabelecida com as associacões congéneres e depois com outras associacões, aproximando o homem do homem, unindo-os muitas vezes na luta pelos interesses collectivos.

Termina dizendo: «A vossa mocidade aspira naturalmente a um ideal: a mocidade é o predomínio do coração sobre o espirito. Que a vossa mocidade saiba orientar o amor que a illumina, que sempre na vida vos determine o altruismo. Já os moços trovadores da velha Germania, em suas canções de amor, falavam nas miserias da patria e nas dores da humanidade. Pois que a vossa intelligencia e o vosso coração abranjam no mesmo sentimento, consciente e activo a familia, a patria e a humanidade.»

(Do Correio do Norte).

CHRONICA INSTRUCTIVA

Illuminação eléctrica

Nos limites mais largos, a potencia total radiada pelo radiador integral é proporcional á quarta

potencia da temperatura absoluta e eleva-se, consequentemente, muito rapidamente quando augmenta esta temperatura. E' a lei de Stephan, estabelecida em 1879 por este physico que a tirou de trabalhos já executados nessa época, ligada por Boltzmann aos principios da thermodynamica e cuja exactidão foi demonstrada, nos ultimos annos, com as experiencias de Lummer, Pringsheim e Kurlbaum. Mas a radiacão total compõe-se de quantidade de ondas de frequencias diferentes, umas puramente caloricas, de grande comprimento de onda, outras luminosas e outras ainda vibrando com extrema rapidez e situadas no espectro para além do violeta, e, á medida que a temperatura do radiador se eleva, a composicão do conjuncto estende-se e amplia-se sem cessar. Cada radiacão elemental cresce com a temperatura, mas o crescimento varia com o comprimento da onda. Admittindo uma lei de distribuiçao, deduzida do calculo das probabilidades, para a rapidez das moleculas vibrantes, e apoiando-se tambem sobre a thermodynamica, Wien demonstrou que o producto do comprimento da onda correspondendo, em cada temperatura, á radiacão possuindo o maximum de potencia pela temperatura absoluta da fonte, é constante. Resulta desta lei, sufficientemente verificada na experiencia, que se a temperatura do radiador augmenta, a potencia maximum desloca-se regularmente para as ondas mais curtas. Pode-se calcular qual deveria ser a temperatura da fonte para que a radiacão, correspondendo ao maximum de energia, pertença ao espectro visivel; se se pretende que o maximum seja, por exemplo, no amarello, será necessario elevar o corpo radiante a 4.600 graus centigrados; é uma temperatura que nenhum dos nossos processos de illuminaçao permitiria actualmente atingir. Mas haverá interesse em elevar tanto quanto possivel a temperatura dos corpos analogos ao radiador integral para que o maximum se encontre approximado das radiacões visiveis. Um certo numero de physicos e particularmente alguns sabios allemães preoccuparam-se bastante, nestes ultimos tempos, com procurar não somente a posicão do maximum, mas com estudar, duma maneira completa, a repartição de energia do espectro do radiador integral; não parece que os resultados obtidos sejam perfeitamente concordantes; as diversas formulas propostas por Wien, Plank, Thiesen, representam entretanto approximadamente os factos e poderiam servir para o calculo da temperatura pela qual a potencia no conjuncto do espectro visivel seria maximum. Encontrariamos assim uma temperatura ainda demasiado alta para a pratica, mas devemos pelo menos reter desse estudo que a relação das radiacões luminosas com as radiacões caloricas cresce quando se eleva a temperatura e que, portanto, a producção luminosa melhora nas mesmas condições. Assim para todas as fontes que se approximam do radiador integral, ha todo o interesse, sob o ponto de vista da illuminaçao, em obter temperaturas tam elevadas quanto possivel.

Mas todos os corpos reaes se afastam, a graus diversos, do radiador integral; a potencia de cada radiacão será menor, a temperatura igual, que na substancia negra ideal; as suas propriedades particulares fornecerão todavia, na illuminaçao, resultados talvez excellentes, porque, em certos casos, o seu poder de emissão poderá approximar-se mais, na parte vi-

sivel, da do radiador integral que na parte obscura do espectro. Assim, segundo as experiencias de Lummer e Kurlbaum, a platina incandescente tem um espectro que apresenta, á mesma temperatura, o maximum bastante mais perto da região visivel que o radiador integral. Sabe-se tambem, depois das bellas investigações effectuadas em 1902 por Hagen e Rubens, que este metal possui um poder reflector que decresce com o comprimento de onda, não é pois de admirar que o seu poder de emissão, complementar do poder reflector, seja particularmente elevado na parte visivel do espectro e que, portanto, um fio de platina radie no espaço, na mesma quantidade de radiacões luminosas, menos radiacões invisiveis que o corpo negro absoluto. A platina não é a unica substancia que possui este um poder selectivo: os metaes refractarios gosam desta mesma propriedade que pertence tambem aos oxydos das terras raras empregados na fabricacão das mangas Auer.

Lucien Poincaré.

Notas & Factos

A intervençao extrangeira

No dia 22, o distincto jornalista Marinha de Campos realizou, na Associação dos Logistas de Lisboa, uma excellente conferencia sobre o convenio luso-transwaliano de 1 de abril de 1909, desinvolvidamente transcripta no nosso collega de Lisboa — *A Lucta* —, de 23 de maio, 1225.

Aconselhamos essa leitura aos portuguezes, cada vez mais ratos, que ainda o sam. Termina assim:

«Quando o parlamento reabrir em 19 de julho, tudo estará consumado! A administração extrangeira terá entrado no territorio portuguez pelo caminho de ferro de Lourenço Marques e ter-se á instalado naquella cidade á beira do seu amplo porto. Se nem deante desta espoliacão e desta affronta a alma do povo portuguez se accender de indignaçao, é porque elle perdeu já a noção das cousas, é porque elle não possui já a consciencia da sua propria existencia, é porque elle já morreu.»

Talvez!...

Cousas rudimentares

Este jornal não anda ás ordens de A. ou B., nem anda mesmo ás ordens de alguém. Nós temos o nosso criterio e a nossa consciencia. Procuramos ser justos—em face do nosso criterio e da nossa consciencia—, pouco nos importando que A. fique irritado porque tem um criterio diferente, ou B. nos julgue bem ou mal—em sua consciencia. Ficam sabendo, se fingiam não saber.

A nimaes eondecorados!

Onde? Na China? Na America? Não em Lisboa. Veiu em telegrama nos jornaes de terça-feira.

«Realizou-se hoje, pelas 4 horas da tarde, no Velodromo de Palhavão, o encerramento da exposicão hypica. A' cerimonia presidiu o infante D. Affonso, que tomou logar na tribuna, acompanhado do ministro da guerra e das obras publicas.

Alla menção honrosa: os cavallos da candelaria real e candelaria nacional. Medalha de ouro, o cavallo...; com 300.000 reis, o cavallo... medalha de prata, o cavallo...»

Já sabiamos que, cá em Portugal, varias cavalgadas eram condecoradas. Mas só tinhamos lido nos jornaes que o eminente cidadão e illustre cavalheiro Fulano recebera esta ou aquella graça. Assim é mais claro.

Parabens a todos.

EXPEDIENTE

«Estando prestes a terminar o 1.º semestre de existencia do nosso semanario, prevenimos os nossos estimados assignantes de que vamos proceder á cobrança das suas assignaturas, esperando que todos se dignarão satisfazer com a possivel brevidade.»

«Nos nossos presados subscritores do concelho e aos nossos dedicados patricios residentes nos Estados-Unidos do Brazil, para onde não podemos usar a cobrança postal, desejamos dever-lhes a subida fineza de mandarem pagar as suas assignaturas nesta cidade, obsequio que muito nos peñhora.»

«A cobrança fóra do concelho, mas no paiz, será feita pelo correio, sendo favor, que todos liquidem logo que lhes sejam apresentados os recibos ou que para isso recebam o competente aviso.»

«A administração.»

Noticiario

A Excursão

E' evidente. Excursões como a que Guimarães acaba de receber são sempre, acreditemo-lo, dum largo alcance social.

A cohesão moral que a recomendou ao carinho e ás sympathias da nossa população, a nota emotiva que a selou pela saudade em nossos corações, a sua objectiva—o reconhecimento, que despertou as nossas saudações, as nossas palavras, as nossas flores, é significativa prova do quanto valem e representam excursões como a que Guimarães acaba de receber.

E porque forma?

Ainda não se apagaram os echos dessa festa que foi a excursão da Povia de Varzim a esta cidade. Por certo os nossos hospedes levaram a melhor das impressões, ficaram todavia satisfeitos, pois a verdade é que a recepção encheu as justas medidas dos nossos brios.

Dito isto entremos a relatar os factos:

9 1/2 eram dadas e na rua de Payo Galvão formavam-se em cortejo as collectividades desta cidade, podendo-se contar as seguintes: Associação Artistica (Soccorros Mutuos), Associação dos Cortidores e Surradores, Associação dos Fabricantes de Calçado, Uleiros, Alfaiates, Penteiros, Metalurgicos, Caiadores, Marceneiros, Circulo Catholico, Associação dos Empregados de Commercio, Bombeiros Voluntarios com todo o corpo activo e auxiliar, Grupo por Guimarães, Academia Vimaranesse e Associação Commercial.

Organizado que foi o cortejo, acompanhado por duas bandas de musica, este poz-se em marcha para a estação do caminho de ferro, onde já o povo formava multidão.

Aguardando a chegada dos excursionistas estavam na gare os snrs. Presidente da Camara, Abade João Gomes de Oliveira

Guimarães, e como representante da auctoridade o snr. secretario da administração, Manoel de Freitas Aguiar.

Postadas as collectividades vimezanenses com as suas bandeiras ao longo da *gare* e attingida que foi a hora official da chegada, eis que o comboio excursionista entra as agulhas.

Os peitos agitam-se e o clamor das manifestações enche o espaço fendido por girandola de foguetes.

As musicas nossas tocam o hymno (que sendo do Club da Povia para si adoptou) e a banda que os excursionistas acompanhava toca por sua vez o hymno nacional.

Neste calor de jubilo fazem-se as apresentações e o cortejo desde logo se principia de organizar. E' agora soberbo animado pelas collectividades que na excursão tomaram parte com as suas respectivas bandeiras, aliaz muito luxuosas.

Alem de vir representada a Camara Municipal daquela praia por um dos mais illustres e activos dos seus membros, o snr. Abbade de Navaes, encorporaram-se da parte dos excursionistas a Associação Commercial, a Associação dos Empregados do Commercio com a sua tuna, Associação Edificadora, Bombeiros Voluntarios, Associação Constructora, Academia, Associação Maritima, Associação Reformadora, Sport Club dos 30 e o patriótico Club Naval, promotor da Excursão.

Em marcha o cortejo debaixo duma chuva de flores, de acclamações, palmas e lenços agitados com delirio, foi deveras uma marcha triumphal aquella que as damas e o povo brioso desta cidade prestou aos nossos sympathicos visitantes.

Percorrido o itinerario de esta forma impressionante dava entrada na Sociedade Martins Sarmiento em cujo atrio eram esperados pela direcção a quem foram feitas as apresentações pelo presidente da Associação Commercial snr. João Rodrigues Loureiro.

Postados as collectividades Povoenses ao lado direito foi constituída a meza pelo presidente da camara desta cidade secretariada á direita pelo digno representante da camara da Povia e respectivamente pelo presidente da Sociedade Martins Sarmiento, tomando logar no estrado todos os demais representantes das collectividades.

Aberta a sessão, foi pelo representante da camara de Guimarães lida uma saudação em nome dos municipios vimezanenses, á Povia de Varzim.

Usando da palavra o representante da camara da Povia salientou num improvisado e primoroso discurso as relações de amizade entre as duas terras que alguns mezes no anno passeiam, convivem e commungam num entranhado affecto de irmãos muito queridos.

Seguidamente o snr. presidente da Associação Commercial, em nome da associação que representa e pelas demais associações desta cidade, leu a seguinte mensagem, que apoz a sua leitura fez entrega em artistica pasta ao brioso presidente do Club Naval, snr. Antonio dos Santos Graça:

Senhores.

A Associação Commercial de Guimarães, por dever seu, e ainda encarregada pelas diversas collectividades desta briosa cidade de preparar uma recepção condigna aos seus queridos visinhos da Povia de Varzim que vieram hoje visitar-nos, quizera corresponder cabalmente á honra que lhe foi feita e á gentileza da visita.

Infelizmente são acanhados os meios de que podemos dispôr e os nossos illus-

tres visitantes deverão perdoar a fraqueza que por acaso encontrem no nosso entusiasmo e alegria ao ponderarem que são hoje abraçados por um povo generoso e bom, mas que ainda bem não pôde sacudir os crepes que enlutaram ha pouco a formosa alma portugueza, nem sequer enxugar as lagrimas que chorou com o paiz inteiro sobre a horrorosa catastrophe do Ribatejo, que, como a do sul de Italia, emocionou o mundo civilisado.

Esperamos porem que os nossos amigos saberão na sua ingenua bondade e muita intelligencia traduzir no pouco que lhes damos o muito que desejamos oferecer-lhes. E oxalá elles retirem daqui ao menos tam satisfeitos como lisongeira foi a sua visita.

Eu, meus senhores, como presidente da Associação Commercial de Guimarães, e julgando bem comprehender os sentimentos de toda a população de Guimarães, posso afirmar que o nosso desejo é que a vossa visita signifique a mais intima e completa união de todas as classes das duas importantes povoações; que ella muitas vezes repetida possa estreitar sempre mais os laços de fraternidade que desde tempos afastados ligam estes dois povos. Porque se o nome Guimarães se desdobra em *via maris*, caminho do mar, esse caminho nos dirige para vós que viveis junto do mar que buscavamos; e esse mar que beija e abastece a vossa praia, ao mesmo tempo a mais bella e mais segura do norte de Portugal, é tambem a que constantemente nos captiva com os mimos que dia a dia nos offereceis.

E' grande pois hoje o nosso orgulho ao abraçar esse povo nobre e arrojado, cujos planos, sempre tam vastos como o immenso livro de prata que se abre á sua vista, são quasi sempre tam depressa realisados como foram concebidos no seu cerebro fequendo. Em verdade, meus senhores, esses grandes empreendimentos, tam felizmente e tam facilmente effectuados num meio relativamente pequeno, hão de attribuir-se necessariamente á pujante cerebração dos filhos dessa importantissima villa, que já hoje faz inveja a muitas das cidades do territorio portuguez.

Nós temos o maior orgulho e satisfação em prestar o preito devido aos povos da Povia de Varzim, pela sua grande iniciativa, pela sua tenacidade de ferro, pelas importantes e florescentes collectividades que possuem, e entre as quaes occupa um bello logar de destaque o seu "Club Naval Povoense",—cujos serviços se traduzem sempre em grandiosos beneficios para a sua querida patria, e a cuja lembrança e actividade Guimarães deve a visita de tam sympathicos como illustres excursionistas, e esta data brilhante, destinada a figurar entre as mais honrosas dos fastos da sua historia.

Sabemos que é pobre a recepção que vos fazemos; ricos, porem, sois vós a todos os respeito: ricos de alma e de coração, ricos de generosidade e de todas as virtudes civicas.

Muito ficamos devendo, é certo; mas a vida das sociedades não se conta por annos como a dos individuos, antes sim por seculos como as cidades do mundo.

Pois bem; vós legareis ao porvir o vosso compromisso de muitas vezes nos visitar; nós ensinaremos aos vindouros esta lição, tam instructiva como fecunda, encarregando-os de saldar a divida contrahida hoje, e que ficará em aberto nos nossos Livros até que seja paga; porque orêmos que elles nos honrarão, recebendo um dia os nossos com a sua tradicional fidalguia de trato e festas a que têm jus e por isso lhes são devidas. E permittam-me que eu, pedindo desculpa do enfado que lhes causei, termine levantando em nome da Associação Commercial de Guimarães, e mais associações desta cidade, um viva muito do coração aos nossos visinhos que nos honram com a sua visita:—Viva o povo da Povia de Varzim! Viva o "Club Naval Povoense"! Vivam todas as suas collectividades!

Guimarães, 23 de Maio de 1909.

Foi dada depois a palavra ao snr. Laurindo Marques d'Oliveira, que em nome do Club Naval fez entrega duma alga maritima ao presidente da Associação Commercial, com a seguinte dedicatória: «O Club Naval Povoense á cidade de Guimarães—23—5—909».

Apoz a passagem desta significativa gentileza falaram os snrs. Leopoldino Gomes Loureiro, em nome de todas as collectividades da Povia, Joaquim Pereira Sampaio, pela Associação Commercial da Povia, Mariano Felgueiras, pela Associação dos Empregados de Commercio de Guimarães, a quem agradeceu o presidente da sua congénere da Povia.

Todos os oradores foram muito acclamados pela numerosa assistência que enchia por completo o vasto salão.

Finda a sessão de boas-vindas dirigiram-se os bombeiros da Povia á sede dos seus collegas desta cidade onde se improvisou uma sessão de intima camaradagem.

Chegados que foram ao quartel, o corpo dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães formou, sendo apresentados os cumprimentos do estylo. Foram recebidos no salão das sessões pelos dignos commandantes: Simão da Costa Guimarães e José Pina.

As duas congénere corporações formaram junto á mesa presidencial, depois do que o primeiro commandante, snr. Simão da Costa Guimarães agradeceu a visita que acabava de receber, offerecendo á corporação dos Bombeiros Voluntarios da Povia os seus serviços durante a permanencia nesta cidade, o que o snr. commandante da corporação dos Bombeiros Voluntarios Povoenses, José M. Ferreira, agradeceu penhoradissimo, tecendo os maiores encomios á nossa corporação.

No mesmo sentido fallou tambem o snr. Laurindo Marques de Oliveira, sendo todos applaudidos freneticamente.

Terminou a visita por effusivos vivas ás duas corporações.

Assim tambem a Associação de Soccorros Mutuos da Povia visitou a sua congénere desta cidade, onde por igual se realizou uma sessão, fallando diversos oradores entre as acclamações dos assistentes.

A Academia da Povia visitou tambem a Academia Vimezanense, sendo aguardada no Lyceu por grande numero de academicos.

Foi recebida num dos vastos salões pelas duas academias, externa e interna, cujos presidentes proferiram discursos de boas-vindas, a que o presidente da Academia da Povia respondeu num bello discurso.

Foram os oradores muito victoriados, finalizando esta sympathica visita por entre muitas saudações, cheias de grande entusiasmo.

Por sua vez a Associação dos Empregados do Commercio da Povia, acompanhados da sua tuna, foram recebidos festivamente na Associação dos seus collegas desta cidade onde entre outras manifestações de intima camaradagem a tuna executou uma linda marcha intitulada—«Povia a Guimarães».

Por toda a parte os nossos visitantes foram alvo de especiaes differencias que por certo os captivaram pela significação que taes attentões traduziam nesse momento.

A TOURADA

Seriam quasi 5 horas da tarde quando as *quadrilhas* deram entrada no redondel para darem começo á festa touromaquica que era dedicada aos excursionistas Povoenses.

Foi sem duvida uma grande corrida, reinando sempre o maior entusiasmo e socego, e observando-se na arena os preceitos da arte.

Vamos dar uma pequena resenha dessa corrida que tão boas impressões nos deixou, pois lutamos com falta de espaço, aliaz nos alongariamos como seria o nosso desejo.

Era cavalleiro Adolpho Machado, aquelle rapaz franzino que a epocha passada teve a habilidade de encantar o nosso publico com o seu trabalho primoroso e correcto.

Toureu esta tarde como todos aquelles que o sabem fazer, ouvindo grandes ovações no final do

seu trabalho distinctissimo, nos 1.º e 5.º touros que lhe couberam o que enfeitou como qualquer artista possuidor de vastos conhecimentos de lide.

Foi tambem magistral o ferro que empregou á tira no 5.º touro, collocado com arte e alegria, o que nos deu ainda um reflexo daquelles saudosos tempos que applaudiamos o Tinoco, o Maurisca, o Carlos Relvas e outras figuras do toureio equestre.

Emfim o rapaz é valente, tem serenidade e é possuidor de outros predicados que o collocarão em breve ao lado dos primeiros cavalleiros portuguezes.

Foi immensamente applaudido e muito briado.

Era espada da tarde «Chicorrito» el *niño de coleta* que mais uma vez nos demonstrou ser insubstituivel na cadeira.

Executou o cambio em *silla*, collocando um par monumental que lhe valeu ouvir uma tempestade de applausos.

Com o capote deligente e com a muleta não nos poude mostrar nada por não ter touros apropriados.

Dos bandarilheiros, sobressaíram Rodrigo Largo e Custodio Domingos, a quem o numero publico prodigalisou repetidas ovações pelo seu trabalho valente e artistico.

Rodrigo Largo, prendeu bellos pares no 3.º e 5.º touros e esteve muito trabalhador com o capote, mostrando assim os largos recursos de que dispõe como *peon*.

Custodio Domingos, tambem se evidenciou bello bandarilheiro; é valente, vai á cara dos touros com muita vista e mete bem os braços no momento de cravar. Prendeu magnificos pares e o publico premiou o seu trabalho correcto e artistico com repetidas ovações.

Deu tambem um bom salto de vara no 5.º touro que a assembleia applaudiu com calor.

Dos restantes fizeram o possivel por agradar, conseguindo-o por vezes.

Pegas, houve uma valentissima no 2.º touro e o gado cumpriu muito regularmente com o seu dever de... marrar.

Intelligente foi o nosso dedicado conterraneo e distincto afficionado snr. Antonio Machado, dirigindo por tal forma a corrida, que lhe mereceu do publico calorosos applausos, pelo que o felicitamos.

Durante esta bella festa houve repetidas acclamações ao povo da formosa praia da Povia de Varzim e ao povo de Guimarães, terminando debaixo de grande entusiasmo e geral satisfação, o que nos apraz registrar.

As 9 horas da noite fazia-se a abalada para a estação e por entre acclamações e saudações effusivas o comboio poz-se em marcha conduzindo os sympathicos excursionistas que até nós vieram em visita de reconhecimento.

A Associação Commercial e respectivamente todas as collectividades e população de Guimarães acabavam mais uma vez de cumprir o seu dever testemunhando que este povo é hospitaleiro e fidalgo com aquelles que o sabem visitar.

O Club Naval da Povia de Varzim enviou á Associação Commercial o seguinte telegramma:

Club Naval profundamente confundido gentilezas ahi recebidas agradece V. Ex.ª tantas provas de deferencia fazendo votos prosperidade povo Guimarães.

Povoenses reconhecidos.

Antonio Santos Graça—Presidente.

A Direcção do Grupo de Propaganda «Por Guimarães» foi enviado o seguinte telegramma:

Sport Grupo 30 agradece attentiosas deferencias do Grupo a que preside e protesta seu enorme reconhecimento. Este agradecimento estende-se tambem fidalgo povo Guimarães.

24—5—09.

Festas gualterianas — A Grande Festa da Cidade

Reina grande entusiasmo pelas proximas festas de agosto, já tão acreditadas em todo o paiz, tal tem sido a forma como foram exhibidas nos annos anteriores.

Além do contracto já fechado com a afamada banda militar do regimento de Zaragosa, de S. Thiago de Compostella, pela Direcção da Associação Commercial promotora das mesmas festas, foram convidados 4 dos mais distinctos pyrotechnicos do nosso paiz.

Para a brilhantissima tourada do dia 1 de agosto, encetou a a comissão negociações com os principaes artistas touromachicos esperando apresentar uma corrida que encha as medidas aos afficionados e publico em geral.

Tambem se falla em realizar num dos dias das festas uma batalha de flores, para o que dentro em breve serão trocadas impressões para tal fim, com alguns dos nossos distinctos *sportmen*.

Dentro em breves dias vae dar-se principio á subscrição geral, sendo de esperar que os patrióticos vimezanenses coadjuvarão, como lhes é peculiar, empreendimentos de tão alto valor como são as grandiosas *Festas da Cidade*.

Noticias militares

Sob o commando do alferes snr. Mario Augusto Teixeira Diniz, marchou para Tancos o pelotão de sapadores do regimento de infantaria 20, que vae receber instrucção da sua especialidade na escola pratica de engenharia.

—Marchou para Villa Real, afim de desempenhar o cargo de amanuense do quartel general da 6.ª militar, o 2.º sargento de infantaria 20, snr. Urias Ferreira Dias Lamego.

—Com o contingente do seu commando, regressou da carreira de tiro de Espinho (Braga) o alferes de infantaria 20, snr. Manoel Fructuoso de Carvalho, seguindo para alli outro contingente sob o commando do tenente, snr. Joaquim Rodrigues de Paiva.

—Foi determinado que as tropas da guarnição desta cidade comecem a fazer uso da calça de cotim no dia 1 de junho proximo.

—Nos termos do D. de 14 de novembro de 1901, foi promovido a tenente e passou ao serviço do Ultramar o alferes de infantaria 20, snr. Manoel Fructuoso de Carvalho.

—Apresentou-se na sede do regimento, no desempenho de uma missão de serviço, o 1.º sargento do 3.º batalhão de infantaria 20, snr. Lucilio da Cunha Osorio Coutinho Rebello.

—Vindo de disponibilidade, foi collocado em infantaria 20 o tenente, snr. Joaquim Augusto da Rosa Alpedrinha.

ATELIER DE CHAPEUS DE SENHORA

— DE —

Laura Maria da Silva Villaça Martins

Rua de Payo Galvão

GUIMARÃES

Confeção de chapéus pelos últimos modelos

PREÇOS MODICOS

Bom gosto e boa execução.

NOVO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia e Confeitaria.

Domingos Pereira Mendes

Rua Nova de Santo Antonio

GUIMARÃES

Generos alimenticios de boas qualidades.

Bolachas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos finos engarrafados da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal e da antiga Casa Ferreirinha.

Especialidade em chá e manteiga.

Ao Guarda-sol Elegante

Bons Guarda-soes de seda para senhora a 2\$000 reis, vendem-se no Guarda-soleiro da rua da Rainha.

Annunciam-se por ser pechincha.

Bons Guarda-soes de brilhantina para homem e senhora a 850 reis, vendem-se no Guarda-soleiro da rua da Rainha.

Annunciam-se por ser pechincha.

**TECIDOS DE LINHO E ALGODÃO
CAMISARIA E GRAVATARIA**

— DE —

José de Freitas Costa Soares

Rua da Rainha

GUIMARÃES

Atoalhados, pannos de linho, roupas bordadas, colchas, camisas, collarinhos, punhos, gravatas, etc., etc.

Esta casa encarrega-se da execução de enxovaes, para o que tem contracto especial com uma das principaes camisarias da capital do Norte.

Estabelecimento de fazendas de lã e algodão

— DE —

Camillo Larangeiro dos Reis

Largo do Tournal

GUIMARÃES

Nesta casa encontra-se sempre grande sortido de fazendas, ultima novidade, para fatos de homem e creança.

Preços sem competencia.

FAZENDAS BRANCAS

— E —

Miudezas

Loja dos Caixeiros

— DE —

João Pereira Mendes & C.^a

Largo do Tournal

GUIMARÃES

TYP. MINERVA



VIMARANENSE

Officina de encadernação, Papelaria e Livraria

— DE —

Antonio Luiz da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Commercio do Norte

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Brazil e Africa Portugueza	3\$000 "
Numero avulso	40 "

Preço das publicações

Annuncios e communicados, por linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
Permanentes, contracto especial.	

Cr.^{mo} Int.